

Comida, identidade e xenofobia: um estudo de caso em discursos da nova direita radical europeia

Food, identity and xenophobia: a case study of discourses by the new european radical-right

Comida, identidad y xenofobia: un estudio de caso en discursos de la nueva derecha radical europea

*Fábio Chang de Almeida**

<https://orcid.org/0000-0001-5053-6186>

*Camilo Darsie***

<https://orcid.org/0000-0003-4696-000X>

RESUMO: Este texto busca analisar o papel da alimentação como elemento definidor de identidade em discursos da nova direita radical europeia, na primeira década do século XXI. A pesquisa foi centrada no estudo dos eventos de distribuição de sopa para populações carentes, organizados na França no ano de 2006, por grupos de direita radical. Tal sopa era chamada de “sopa identitária”, entre outros nomes, e tinha como ingrediente principal a carne de porco. Tais ações, segundo os seus idealizadores, visavam auxiliar os cidadãos “exclusivamente franceses” que passavam fome naquele país. A ação de distribuição das “sopas identitárias” foi mimetizada por outros grupos de direita radical em países como Inglaterra, Bélgica e Portugal. O caso das “sopas identitárias” ilustra como os discursos da direita radical podem relacionar a comida com uma suposta “defesa das identidades nacionais” diante da “ameaça de invasão” de uma cultura estrangeira.

* Professor da Universidade La Salle (UNILASALLE). Doutor e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em História da Alimentação e Patrimônio Cultural pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Especialista em Psicopedagogia e Tecnologias da Informação e Comunicação (UFRGS). Licenciado em História pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e Geografia (UFRGS). Bacharel em Nutrição (UFRGS). Foi Investigador Visitante Júnior no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Atualmente realiza estágio de Pós-Doutorado em História na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: history.chang@gmail.com.

** Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) e do Curso de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Doutor (UFRGS) e Mestre em Educação (ULBRA). Pós-doutoramento em Saúde Coletiva (UFRGS). Licenciado em Geografia (ULBRA). E-mail: camilodarsie@unisc.br.

Palavras-chave: Direita radical. Alimentação. Identidade. Xenofobia.

ABSTRACT: This text analyzes the importance of food as a defining element of identity in discourses of the new European radical-right, in the first decade of the 21st century. The research was centered on the study of soup distribution events, organized in France in 2006 by radical-right groups. The soup was called “identity soup”, among other names, and had pork as an ingredient. Those actions, according to the groups, were aimed at helping “exclusively french” citizens who were starving in that country. The action of distributing “identity soups” was used by other radical right groups in countries like England, Belgium and Portugal. The case of “identity soups” illustrates how the speeches of the radical right can approximate food to an alleged “defense of national identities” in the face of the “threat of invasion” of a foreign culture.

Keywords: Radical-right Politics. Food. Identity. Xenophobia.

RESUMEN: Este texto analiza la importancia de la comida como elemento definitivo de identidad en los discursos de la nueva política europea de la derecha radical, en la primera década del siglo XXI. La investigación se centró en el estudio de eventos de distribución de sopas, organizados en Francia en 2006, por grupos de derecha radical. La sopa se llamaba “sopa identitaria”, entre otros nombres, y tenía carne de cerdo como ingrediente. Según los grupos, esas acciones tenían como objetivo ayudar a los ciudadanos “exclusivamente franceses” que se estaban muriendo de hambre en ese país. La acción de distribuir “sopas identitarias” fue utilizada por otros grupos de derecha radical en países como Inglaterra, Bélgica y Portugal. El caso de las “sopas identitarias” ilustra cómo los discursos de la derecha radical pueden usar los alimentos a una supuesta “defensa de las identidades nacionales” frente a la “amenaza de invasión” de una cultura extranjera.

Palabras clave: Derecha radical. Comida. Identidad. Xenofobia.

Como citar este artigo:

Almeida, Fábio Chang de; Darsie, Camilo. “Comida, identidade e xenofobia: um estudo de caso em discursos da nova direita radical europeia”. *Locus: Revista de História*, 27, n.2 (2021): 367-384.

Introdução

“Diz-me o que comes e te direi quem és.”

Jean Anthelme Brillat-Savarin, 1825

Especialmente a partir da década de 1980, grupos de direita radical¹ encontraram contexto favorável para crescimento em diversos países. Na Europa, o viés ideológico que predominava em tais organizações apontava – com variações de intensidade – para a xenofobia e o racismo. O fortalecimento, mutação e multiplicação de tais grupos teve continuidade nas duas primeiras décadas do Século XXI e a popularização da internet cumpriu papel fundamental nesse processo. O conjunto desses movimentos é heterogêneo e abarca uma diversidade de organizações, desde partidos políticos, grupos ultranacionalistas, militantes separatistas, defensores da “supremacia branca”, *skinheads* de inspiração nazista, grupos islamofóbicos, homofóbicos, organizações “identitárias”, entre outros (Almeida 2014; Marchi e Silva 2019).

No plano político, a direita radical cresceu nas últimas décadas. Buscando alcançar melhores desempenhos eleitorais, muitos partidos, que antes possuíam clara vinculação ideológica com o fascismo, buscaram renovação estética e discursiva. Novos partidos emergiram e os antigos atualizaram seus discursos, formando uma “nova direita radical”.² Com forte presença na internet, apelo ao público jovem e resultados significativos nas urnas, a direita radical voltou a constituir-se em ator político relevante.

Existem diversas pesquisas acadêmicas dedicadas a estudar a conexão entre a expansão da nova direita radical com o surgimento e popularização de novas tecnologias da informação, como a internet. São exemplos: (Caiani e Kröll 2015) e (Bartlett et al. 2011). Contudo, tais estudos geralmente não focam nas relações entre “comida e identidade” ou “culinária nacional e estrangeira”. Algumas investigações abordam a questão da comida e da identidade cultural, porém sob o ponto de vista do imigrante, e não do “nativo”. Ver: (Koc e Welsh 2001); (Parasecoli 2014). Também as relações entre “comida e nacionalismo” e “comida e identidade nacional” não têm sido

¹ Neste texto, considera-se direita radical como uma ideologia política ultranacionalista, cujo elemento central é o mito de uma nação homogênea (Minkenberg 2011).

² Conforme Piero Ignazi, tais partidos, apesar de renovados, continuam ocupando a posição mais à direita no espectro político-partidário. Eles possuem um discurso que ataca a ideia de pluralismo, enquanto valoriza elementos como raça, língua e etnicidade. Consideram a autoridade coletiva - Estado, Nação, comunidade - como mais importante que a autoridade individual (Ignazi, 2003). O fenômeno é complexo e as múltiplas variações do radicalismo/extremismo de direita, visíveis nas últimas décadas, desafiam sua classificação em um conceito mínimo consensual. Definições como “nova extrema direita”, “nova direita radical”, “nova direita populista”, “extrema-direita pós-industrial”, “direita radical pós-industrial” e “direita alternativa”, entre outros, vêm sendo amplamente discutidas na literatura especializada. As diferenças e semelhanças entre partidos políticos e grupos/movimentos também são objeto de análise em publicações acadêmicas relativamente recentes. Não é objetivo deste artigo aprofundar tais questões teórico-conceituais. Para tanto, ver: (Carter 2018); (Gattinara 2020); (Griffin 2008); (Ignazi 2003); (Minkenberg 2011); (Minkenberg 2019); (Mudde 2007).

sistematicamente enfocadas nas pesquisas (Ichijo e Ranta 2016). Sendo assim, este estudo se propõe a contribuir para o entendimento do fenômeno da recente expansão da direita radical na Europa, reconhecendo sua complexidade e seu caráter multifacetado, porém direcionando a análise para a dimensão da alimentação a partir de discursos ultranacionalistas.

Neste trabalho, baseado no estudo de um caso específico, buscou-se analisar a utilização da alimentação como elemento definidor de identidade cultural em discursos e práticas xenofóbicas da nova direita radical europeia. A análise foi centrada no caso das “sopas identitárias”, relacionado a uma sequência de episódios que recebeu significativa repercussão midiática na época. Tais eventos estavam associados a grupos como o *Solidarité des Français* (SDF) - ideologicamente alinhado ao chamado *Bloc Identitaire* - organização francesa de direita radical que promoveu uma série de “ações de caridade” no ano de 2006, onde era realizada distribuição de sopa para moradores de rua.³ Tal sopa era chamada de “sopa identitária”, “sopa nacional”, “sopa patriótica” ou “sopa gala” e tinha como ingrediente principal a carne de porco. Conforme os identitários, tais ações visavam auxiliar os cidadãos “exclusivamente franceses” que passavam fome nas ruas de Paris e de outras cidades francesas. Logicamente, os eventos visavam atrair a atenção da mídia para sua pauta política e influenciar de alguma maneira a opinião pública (Zúquete 2018, 48-49).

Embora os organizadores das ações tenham utilizado discursos que procuravam relativizar o caráter discriminatório da sopa, um conjunto de evidências (exemplificado adiante) indica que a receita foi escolhida justamente para afastar judeus e principalmente imigrantes islâmicos, pois, em função de restrições alimentares religiosas, tais grupos não consomem carne de porco. O caso das “sopas identitárias” ilustra a dimensão xenofóbica de um renovado discurso europeu de direita radical, que relaciona a comida com a suposta “defesa das identidades nacionais” diante da “ameaça de invasão” de uma cultura estrangeira, particularmente a cultura islâmica.

Assim, um questionamento interessante a ser respondido é: de que forma o papel da comida como formadora de identidades foi utilizado pela nova direita radical para construir um argumento de “defesa” de suas comunidades? Para compreender tal fenômeno, foram analisados discursos e identificados seus principais argumentos, a partir do estudo da controversa sopa de porco identitária.

³ Neste artigo, convencionou-se classificar o Bloco Identitário como representante da nova direita radical europeia. Todavia, cabe salientar que – via de regra – os próprios identitários não se definem a partir de conceitos rígidos de esquerda e direita. Antes disso, podem considerar-se como “patriotas”; representantes da “verdadeira direita”; superiores à esquerda e à direita; ou, simplesmente, “identitários”. Eles rejeitam tanto a esquerda progressista quanto a direita neoliberal, que consideram cúmplices no processo de profanação das identidades europeias. Ver: (Zúquete 2018, 4-5).

Metodologia

A documentação utilizada neste estudo foi oriunda, essencialmente, de três categorias de fontes: a) Fontes da imprensa, disponíveis em formato digital; b) *Sites* de grupos ou indivíduos que publicaram discursos associados à nova direita radical europeia; c) Revisão bibliográfica sobre o tema. Quando publicados originalmente em outro idioma, a tradução dos documentos para a língua portuguesa foi realizada pelos autores do estudo. Foram adotadas técnicas de revisão narrativa, visando uma metodologia que não implicasse na obrigatoriedade de utilização de critérios sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura, ao mesmo tempo em que a seleção dos documentos não precisasse esgotar as fontes de informações. De maneira geral, a revisão narrativa é construída a partir de uma leitura ampla da documentação e análise crítica pessoal do autor (Rother 2007). Ela não necessita estabelecer respostas quantitativas para questões específicas, mas é “fundamental para a aquisição e atualização do conhecimento sobre uma temática específica, evidenciando novas ideias, métodos e subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada” (Toledo e Rodrigues 2017).

Dessa forma, este estudo se propôs a realizar uma reflexão qualitativa sobre os discursos selecionados. Estes foram produzidos enquanto tentativas de atribuir sentido ao real (Pinto 2006). Todavia, eles também podem ser usados para adulterar o real. A análise do discurso deve perceber eventuais transformações ocorridas na trajetória desde o contexto original de uma asserção, até os textos que as utilizam na outra ponta (Courtine 1999). No discurso, é possível visualizar as relações entre língua e ideologia. A língua só faz sentido se for historicamente contextualizada, relacionada com sua exterioridade. Por isso, a análise de discurso deve atentar para as interações entre a linguagem, os personagens que dela se utilizam, as particularidades e circunstâncias de produção do dizer (Orlandi 2003). Buscando essa perspectiva, este estudo procurou dar ênfase na perspectiva social dos discursos, e não em seu caráter abstrato.

A nova direita radical e a “ameaça de islamização da Europa”

Os grupos associados à nova direita radical não objetivam mimetizar a doutrina clássica da direita, mas fornecer respostas ideológicas para questões da sociedade contemporânea. Tais questões giram em torno de uma pauta radical de defesa dos “interesses nacionais”. Um dos pontos mais frequentes nos discursos dessa nova direita radical aproxima-se do pensamento mítico e relaciona-se com a defesa de uma suposta “comunidade natural”, étnica e culturalmente homogênea, ameaçada pela interferência poluidora de indesejados elementos estrangeiros (Ignazi 2003; Almeida 2014; Almeida 2015).

Na construção desses argumentos, são utilizadas estratégias que geralmente convergem para ideias discriminatórias. O nível de intensidade, bem como os alvos dos axiomáticos argumentos racistas e xenofóbicos, variam conforme a fonte e o momento histórico de produção. De uma maneira geral, é possível perceber nos discursos da nova direita radical o desejo de uma guinada autoritária, onde seria possível construir uma sociedade menos individualista, menos multicultural, menos globalizada, com mais “lei e ordem”, onde um líder carismático resolveria os problemas relacionados com a segurança pública e conduziria a volta para padrões morais tradicionais (Ignazi 2003).

Até alguns anos atrás, pensadores da direita radical como Guillaume Faye condenavam a “americanização” da cultura e das práticas alimentares do continente. Os EUA eram considerados os principais responsáveis pela erosão das identidades e soberanias europeias (François 2019). Todavia, atualmente, dentre todas as “prejudiciais influências estrangeiras”, a mais presente nos discursos da direita radical europeia é a muçulmana. De fato, os novos grupos radicais de direita notabilizam-se mais pela “islamofobia” do que pelo antiamericanismo ou antissemitismo. O combate à mítica conspiração sionista internacional, pauta recorrente da direita radical em diversos momentos do século XX, cedeu espaço para a luta contra a “ameaça islâmica” (Almeida 2014, 94-95). Esta ganhou protagonismo no discurso da direita radical na última década e a cruzada contra a “*islamiização*” da Europa tornou-se elemento de destaque do seu ideário político (Zúquete 2011, 654).

Atentados terroristas ocorridos nas primeiras décadas do século XXI e o medo gerado por grupos radicais como a *Al Qaeda* e o Estado Islâmico, ajudam a formar o contexto do discurso de direita radical que denuncia uma ameaça de invasão islâmica da Europa. O texto “De Londres a Israel passando pelo Iraque”, publicado no *blog* “Batalha Final”⁴, comenta os atentados terroristas de julho de 2005 em Londres, e fornece mais elementos desse discurso:

A Europa está indefesa perante esta gente, não há que ter ilusões, é apenas uma questão de vontade e oportunidade para que se repita nova tragédia numa qualquer outra cidade europeia (...) É preciso apontar claramente as causas e os responsáveis por tudo isto, é preciso dizer a verdade, não fosse a política de imigração irresponsável dos governantes europeus desde o pós-guerra e não teríamos dentro das nossas fronteiras milhões de possíveis soldados do Islão com um ressentimento visceral ao Ocidente. Falar em política de imigração não é sequer correcto, não há qualquer política, uma política exigiria a existência de critérios, por mínimos que fossem, na permissão de entrada de cidadãos de fora da Europa. A verdade é que as nossas nações estão de “portas escancaradas”, qualquer pessoa consegue entrar na Europa, a situação é de tal modo caricata que os serviços de fronteiras não expulsam sequer uma grande parte dos imigrantes ilegais que apanham (...) A única solução (...) que poderia de facto devolver alguma segurança à Europa seria a expulsão massiva de imigrantes islâmicos do Velho Continente... (Batalha 2015).

⁴ Página na internet que publicou material relacionado à direita radical e ao movimento identitário entre fevereiro de 2005 e dezembro de 2006. Disponível em <http://batalhafinal.blogspot.com>, consultado em 01/02/2021.

Há diversas tendências, correntes de pensamento e rivalidades dentro daquilo que convencionamos classificar como “nova direita radical”. Mesmo assim, é possível perceber que alguns temas centrais são recorrentes em discursos oriundos de fontes diversas. A questão da imigração islâmica é, talvez, a principal dessas convergências temáticas. A nova direita radical assume o papel de defensora dos países europeus contra a “invasão” estrangeira que estaria “contaminando” e “destruindo” as culturas nacionais. Nesse contexto, o *Bloc Identitaire*, e outros grupos de direita radical, se apropriaram do tema da alimentação em suas práticas e discursos, como ocorreu no caso das sopas identitárias.

As “sopas identitárias”

O termo “identitário” refere-se a uma corrente da direita radical que organizou-se na França no ano de 2003, através do movimento *Bloc Identitaire*. Suas origens remontam ao grupo *Unité Radicale*, fundado em 1998 e extinto em 2002. Contudo, as ideias centrais dos identitários já circulavam na França desde o final dos anos 1960 (Cahuzac e François 2013) e (Zúquete 2018). Os referenciais teóricos do *Bloc Identitaire* são figuras como Alain de Benoist, Pierre Vial, Jean Haudry, Jean Mabire, Fabrice Robert, Guillaume Luyt e Philippe Vardon. Em torno destes, orbitam personagens e agrupamentos variados, como Guillaume Faye, o partido político regionalista *Alsace d'abord*⁵ (Alsácia primeiro), a fundação *Polemia*⁶ de Jean-Yves Le Gallou, os grupos *Thucydide* e *Sparte*, etc. Além desses, há também as chamadas “casas de identidade”, como a agência de notícias *Novopress*⁷, as revistas *Réfléchir & Agir*⁸, *Terre & Peuple*⁹, entre outras (Cahuzac e François 2013)¹⁰.

O símbolo do movimento identitário é um javali, usado para representar força, liberdade, solidariedade familiar, companheirismo, apego às raízes e a um determinado território (Zúquete 2018, 122). Em 2016, a organização mudou o nome de *Bloc Identitaire* para *Les Identitaires*. Eles têm posições radicais em relação à imigração e posicionam-se como defensores da civilização europeia e dos europeus contra as culturas invasoras. O grupo rejeita a globalização, considerada a causadora da destruição de suas identidades. Defendem a expulsão imediata dos imigrantes ilegais e, a longo prazo, o retorno de todos os imigrantes (mesmo os regularizados) a seus países de origem. O mosaico de seus referenciais teóricos resulta em um ativismo anti-imigração que busca alegadamente evitar uma “guerra racial”, que ameaçaria as “fundações da civilização europeia”.

⁵ Website oficial da organização disponível em <http://www.alsacedabord.org>, consultado em 28/06/2020.

⁶ Website oficial da organização disponível em <https://www.polemia.com>, consultado em 28/06/2020.

⁷ Website oficial da organização disponível em <http://fr.novopress.info>, consultado em 28/06/2020.

⁸ Website oficial da organização disponível em <http://reflechiretagir.com>, consultado em 28/06/2020.

⁹ Website oficial da organização disponível em <http://www.terreetpeuple.com>, consultado em 28/06/2020.

¹⁰ Para uma análise detalhada das raízes teóricas do movimento identitário, ver: Zúquete 2018.

Embora não tenha um número de seguidores muito expressivo, o movimento desenvolveu estratégias de comunicação eficazes, especialmente utilizando a internet como ferramenta de pressão política, promoção e mobilização (Cahuzac e François 2013).

É nesse cenário que o discurso da nova direita radical europeia apropria-se da comida. Ela torna-se um elemento definidor de identidades culturais e adquire *status* de um bem que necessita ser protegido. Realmente, a comida é muito mais do que fonte de energia e nutrientes indispensáveis para a sobrevivência. A comida possui dimensões históricas, sociais e culturais que compõem um sistema complexo. Essas múltiplas dimensões que envolvem o ato de comer articulam representações e significados que ajudam a construir identidades. Quando as pessoas aprendem o que comer, como comer e quando comer, estão aprendendo sua história, cultura, normas e valores e, dessa forma, estão aprendendo quem são (Koc e Welsh 2001). Portanto, pode-se afirmar que a comida é um componente na formação de identidades individuais e coletivas. Para os identitários, tais características podem transformar a comida em um instrumento de defesa da cultura europeia contra a “ameaça de destruição” por elementos considerados contaminantes, trazidos pela imigração.

No inverno de 2006, o grupo SDF instalou em Paris um centro de distribuição de sopa para as populações carentes da cidade.¹¹ Tal sopa era chamada de “sopa identitária”, “sopa nacional”, “sopa patriótica”, “sopa gala” ou ainda “sopa gaulesa” e tinha como ingrediente principal a carne de porco. Tal ação, segundo o grupo, visava auxiliar os cidadãos “exclusivamente franceses” que passavam fome nas ruas de Paris. A ação de distribuição das “sopas identitárias” foi realizada também em outras cidades da França e copiadas por outros grupos de direita radical, em países como Bélgica, Portugal e Inglaterra. Em uma entrevista, Dominique Lescure, líder do *Solidarieta*, grupo responsável pelas ações de distribuição da sopa na cidade de Nice, utilizou a ironia para aconselhar as “entidades filantrópicas tradicionais”:

Os sem-teto nos disseram que a única sopa que continha carne era a nossa. Todo indivíduo, especialmente quando está em situação precária de alimentação e saúde, precisa comer carne regularmente. (...) Mas o que servem as outras associações? Sopa liofilizada e “A Vaca que Ri” (...) nem os mais famintos conseguem ver pintada essa vaca que ri! (...) Entre uma sopa liofilizada, pó diluído em vinte litros de água, e uma sopa patriótica cozida à moda antiga, não há comparação! (Yanndarc 2006).

Lescure considerava que a sopa de porco identitária simbolizava a cozinha francesa tradicional (Sandford 2005). Ele afirmava ainda que, ao contrário das organizações filantrópicas

¹¹ Há registros de distribuição da sopa desde 2003, porém sem a ampla cobertura midiática que houve em 2006. Ver: (Yanndarc 2006) e (Sandford 2005).

tradicionais, seu grupo não estava apenas distribuindo comida para os moradores de rua, mas estabelecendo momentos de socialização e resgatando um vínculo identitário:

Conosco, havia calor humano, escuta, reuniões que eram feitas. E isso as grandes associações não têm tempo para dar, porque não encaram sua missão dessa maneira, mas se contentam em distribuir refeições. (...) é necessário melhorar suas vidas do ponto de vista humano, não apenas para servir as refeições. (...) Antes da sopa começar a ser distribuída, trabalhamos durante quase um mês e meio, conhecendo os sem-teto de Nice. Explicamos quem éramos e o que íamos fazer. Quando você diz a alguém que mora na rua, que haverá uma distribuição de sopa, a recepção geralmente é favorável, especialmente quando a sopa contém carne. Antes mesmo de saber se a sopa seria boa, eles sabiam que havia uma parte do seu povo que levava em consideração sua angústia (...). Eles sabiam que, além de distribuir sopa, queríamos recriar um tipo de vínculo social por pertencer à identidade (Yanndarc 2006).

Em Bruxelas, G. H., advogado aposentado de 77 anos, um dos líderes da iniciativa na Bélgica, tinha um discurso parecido. Ele defendia a sopa não apenas como instrumento de combate à fome, mas como representação de uma tradição culinária:

Fazemos isso em nome de nossa própria tradição, não machucamos ninguém e ajudamos aqueles que têm fome, algo que as autoridades não fazem. As organizações muçulmanas também não se queixaram, porque não forçamos ninguém a vir ou comer uma refeição que, para nós, é muito familiar (Serbeto 2006).

Em comunicado de 16 de janeiro de 2006, intitulado “Não toquem na nossa sopa de porco”, (traduzido e republicado pela Causa Identitária portuguesa), os identitários franceses convocaram seus correligionários para defender a “liberdade dos povos europeus de viverem na sua terra prosseguindo os seus costumes ancestrais”. Tais costumes são associados a “tradições culinárias francesas e europeias”, que eles relacionam com míticas “tradições culinárias gaulesas”, inclusive citando as histórias em quadrinhos do personagem Asterix, criado por Albert Uderzo e René Goscinny, para tentar referendar tal relação. Ao mesmo tempo, defendiam-se das acusações de discriminação e racismo:

As sopas identitárias foram acusadas de serem racistas porque são feitas à base de porco, excluindo os judeus e os muçulmanos. No entanto, a carne de porco faz parte das tradições culinárias gaulesas (veja-se as aventuras de Astérix). É também a carne mais barata para as Associações que não recebem nenhum tipo de subvenção. Enfim... quando as associações judaicas e muçulmanas decidem prestar ajuda aos seus correligionários com sopas “Kosher” ou “Chorba”, isso não nos choca e ninguém fica perturbado. Mas quando os Europeus desejam ajudar os seus que se encontram em dificuldades, isto é racismo (...) se hoje não reagirmos, amanhã os croissants serão proibidos sob o pretexto de que são racistas, porque simbolizam a vitória Europeia sobre os exércitos muçulmanos que cercavam Viena em 1663 (Batalha 2006)¹².

Em Nice, Dominique Lescure também afirmava que os identitários não estavam apenas combatendo o problema da fome, mas lutando para preservar suas tradições. Por isso, além da

¹² O *blog* Batalha Final publicou o texto em 18 de janeiro de 2006 com a seguinte nota: “A Causa Identitária traduziu o comunicado de *Les Identitaires*, a pedido dos mesmos. A solidariedade e a colaboração europeia manifestam-se em pequenos gestos” (Batalha 2006).

sopa, outros pratos por eles considerados típicos da culinária do Sul da França também eram distribuídos:

Pudemos ver que os sem-teto que saboreavam nossa sopa não apenas festejavam em termos de sabor, mas principalmente que se deliciavam com a aparência, o aperto de mão, a atenção que recebiam daqueles que vinham nos apoiar. Porque nossos voluntários, ao contrário do que a imprensa do sistema escreveu, não eram uma horda de bandidos. Todas as gerações estavam lá. (...) eles puderam ver que os idosos de 60, 70, 80 anos, os traziam chocolate, *pissaladière*, *socca*, *tourte de blette*, (...). Esses bens de identidade que também foram distribuídos eram uma maneira de dizer: “aqui estamos na terra de Nice!” Há sopa de porco (adaptada da nossa sopa com pesto), mas também há pratos tradicionais. Porque eles são nossos pratos e lutamos para preservar nossas tradições (Yanndarc 2006).

Nos comentários dos leitores das páginas que formavam a rede de *blogs* da direita radical europeia na época, é possível acompanhar longas discussões sobre as sopas identitárias. Um simpatizante do movimento afirmou, em comentário ao texto “Liberdade para... comer e dar de comer”, publicado no *blog* Gladius¹³:

São feitas do que se quiser, porque são feitas por franceses para franceses, e, em França, come-se carne de porco, como de resto noutros países da Europa Ocidental. Os nacionais têm todo o direito de alimentar a sua própria gente em exclusivo e ninguém tem nada com isso (Gladius 2006-b).

O slogan da SDF, “*les nôtres avant les autres*” (“os nossos antes dos outros”), evidencia que a receita da sopa foi escolhida como instrumento de segregação, não de união. Na prática, ela servia para excluir judeus e islâmicos que, em função de proibições religiosas, não consomem carne de porco. Um episódio ocorrido na Bélgica pode exemplificar isso de maneira ilustrativa. Junto com a sopa, normalmente era distribuído pão. Entretanto, para ter acesso ao pão, era necessário também consumir a sopa. Como revela o depoimento de um marroquino que tentou receber apenas o pão em uma das ações identitárias em Bruxelas: “Este é um gesto muito grande de racismo. Eles querem que eu coma carne de porco à força. Só peço pão, mas, para me dar pão, eles me dizem que tenho que comer porco. No que eles acreditam?” (Serbeto 2006).

O porco foi de fato adotado como símbolo das campanhas. Foram registradas ações onde os identitários usaram máscaras de porco em um restaurante de comida islâmica ou tentaram promover “festas de linguiça de porco” em ruas utilizadas por muçulmanos para oração (Zúquete 2018, 48-49). A enciclopédia *online* Metapédia¹⁴, define a sopa identitária e relaciona a sua proibição na França com o fato de não poder ser consumida por judeus e muçulmanos:

A sopa identitária ou sopa de gala é uma preparação culinária feita a partir de carne de porco. É um prato que as organizações de identidade francesas costumam distribuir em cozinhas de sopa para

¹³ Página na internet que publica material relacionado à direita radical e ao movimento identitário desde janeiro de 2003. Disponível em <http://gladio.blogspot.com>, consultado em 01/02/2021.

¹⁴ Enciclopédia eletrônica com clara orientação ideológica voltada à direita radical. Usa formato semelhante ao inaugurado pela Wikipedia, onde os usuários podem editar os verbetes. Disponível em: <<http://es.metapedia.org>>. Acesso em agosto de 2020.

alimentar pessoas de baixa renda ou sem-teto. O governo da França proibiu servir sopa de identidade a pessoas que precisam de assistência social, uma vez que, sendo feita com carne de porco, é inacessível para judeus e muçulmanos, pois seus preceitos religiosos impedem que eles consumam esse animal (Metapedia 2016).

O verbete na enciclopédia discorre sobre uma suposta perseguição realizada contra os identitários pelos meios de comunicação e por determinados políticos na França e na Bélgica no ano de 2006. São citados o prefeito de Paris, Bertrand Delanoë, e o então ministro do interior, Nicolas Sarkozy. Conforme a enciclopédia, ambos “uniram forças para apresentar a sopa identitária como uma violação dos direitos humanos” (Metapedia, 2016). Ao mesmo tempo, a imprensa é acusada de “armar uma polêmica” em função da sopa não estar em sintonia com os preceitos *halal*¹⁵ e *kosher*¹⁶:

Os meios de comunicação de massa criaram uma controvérsia em torno da sopa de identidade por ser um prato que não está em conformidade com as leis que emanam do *halal* e do *kosher* (isto é, por não estar em sintonia com os regulamentos muçulmanos e judeus projetados para aqueles que professam esses cultos podem alimentar-se sem contradizer suas crenças religiosas). Por esse motivo, a polícia parisiense fechou uma popular sala de jantar em 28 de dezembro de 2006 para evitar servir sopa de gala, provocando polêmica em todo o país (Metapedia 2016).

Dessa forma, as medidas adotadas contra as ações midiáticas do *Bloc Identitaire* assumem, para seus seguidores, *status* de perseguição. De acordo com a Metapedia, apesar das proibições, os grupos continuavam ativos e a sopa identitária ainda seguiu sendo distribuída em ações pontuais:

A sopa identitária continuou a ser distribuída na França depois de 2007, apesar das disposições legais que a proibiam. As instituições de caridade de identidade continuavam ativas, patrulhando as cidades francesas em determinadas épocas do ano (principalmente nas noites de inverno) para alimentar as pessoas necessitadas com sopa identitária ou outros alimentos que contenham presunto, bacon e fornecer abrigo e companhia. A única diferença é que, após a proibição, ações de caridade são realizadas de maneira semi-clandestina (Metapedia 2016).

Os identitários argumentavam que seu “trabalho social” não estava obrigado a atender todos os indivíduos necessitados. De maneira clara, eles definiram que as sopas identitárias eram destinadas a um público específico. Este era formado por pessoas chamadas nos discursos simplesmente de “franceses”, ou ainda: “europeus”; “compatriotas”; “sua própria gente”, “seu próprio povo”, “de raiz europeia”, etc.

Para os identitários, a possibilidade de “degradação” da cultura vista como “tradicional” pode ser comparada a um pesadelo. O medo da religião islâmica pode adquirir contornos dramáticos em alguns discursos. Philippe Vardon, referência importante para os identitários, assim descreve um cenário onde os franceses seriam acordados por preces muçulmanas:

¹⁵ Um “alimento *halal*” significa um alimento permitido pela lei islâmica. Ver: (FAO 1997).

¹⁶ As leis dietéticas *kosher* determinam quais alimentos são adequados ou inadequados para os consumidores judeus que observam essas leis. Ver: (Regenstein et. al. 2003).

São cinco da manhã quando você é gradualmente despertado pelo que pensava ser um pesadelo horrível... Mas você não está sonhando, é um chamado à oração muçulmana que você ouve ecoando na rua (Vardon apud Zúquete 2018, 184).

A metáfora da contaminação cultural associada ao som das orações muçulmanas ecoando nas ruas foi diretamente explorada pelos identitários em uma ação realizada em outubro de 2006 na cidade de Montfermeil. O perigo da “islamização” ameaçava até mesmo o café da manhã dos franceses. Fabrice Robert, presidente do *Bloc Identitaire*, explica o ato, do qual tem orgulho:

O dia nasce em Montfermeil, uma cidade em processo de islamização nos subúrbios parisienses. De repente, os habitantes dos conjuntos habitacionais são acordados por uivos assustadores. É a chamada à oração lançada por um megafone colocado em um veículo que cruza as ruas. Não... Os *Barbus* ainda não tornaram obrigatória a chamada do *muezzim* na França! Esta é uma equipe do *Bloc Identitaire* que, com este meio simples e educativo, pretende alertar os habitantes nativos para o que os espera a médio prazo. Ao mesmo tempo, outra equipe distribui nas caixas de correio folhetos explicando a ação. *Allah Akbar*, o amigo do café da manhã... (Robert apud Cassen 2010).

A preservação de um modo de vida, representado por uma refeição assombrada por uma oração, exemplifica um dos pilares do movimento identitário e da nova direita radical europeia de maneira geral: o discurso baseado no mito de uma comunidade culturalmente “pura”, ameaçada pela imigração e pela globalização. Nos discursos, tal ameaça aparece diretamente relacionada com as “políticas mundialistas” e a globalização. O texto “O que é ser identitário?”, publicado no *blog* Rede Identitária Europeia¹⁷, define seus seguidores como defensores da comunidade europeia contra essas “políticas mundialistas”:

...identitário é (...) alguém que defende a sua identidade nas suas variadas formas (...). Para um identitário, a forma de organização do estado é secundário. O primordial do seu combate é a preservação da sua identidade. (...) O projecto identitário tenta pela Europa fora, proteger a comunidade europeia que tem sofrido os dissabores das políticas mundialistas que hoje vigoram e dominam o mundo ocidental através do seu regime apelidado de democracia (Rede 2016-c).

O texto “O que é a globalização e porque a combatem os identitários?”, publicado no mesmo *blog*, expõe de maneira direta os argumentos identitários sobre a globalização. Esta é considerada uma ameaça às identidades europeias, sendo associada às palavras “homogeneização”, “morte”, “destruição”, “desaparecimento”, “nivelamento”, “etnocídio”, “totalitarismo” e outras de significado simbólico semelhante:

A globalização traduz-se numa vontade totalitária de unificar e homogeneizar todas as formas de civilização, ameaçando de morte a especificidade dos povos; A globalização significa a destruição das tradições europeias e a sua substituição pelo americanismo, africanização e islamização cultural; A globalização conduz ao desaparecimento de toda a função soberana, enquanto autoridade que determina e assegura o destino de um povo; (...) A globalização é a imposição do mito igualitário, o que afirma que todos os homens são por essência iguais, procurando nivelar povos, culturas e

¹⁷ Página na internet que publicou material relacionado à direita radical e ao movimento identitário entre abril e junho de 2006. O *website* se define como “um blogue que pretende divulgar o movimento identitário”. Disponível em <https://redeidentitaria.blogspot.com>, consultado em 01/02/2021.

civilizações, desprezando a diversidade étnica, cultural, moral e social existente entre os povos; A globalização é um projecto civilizacional uniformizador que nega o direito de cada povo, etnia, cultura, nação, de viver segundo as suas próprias normas e tradições, particularmente a nós, europeus; (...) A globalização leva inevitavelmente ao etnocídio pela transformação das populações europeias numa massa mestiça sem identidade (Rede 2006-b).

O excerto acima evidencia uma motivação xenofóbica no discurso dos grupos de direita radical. A suposta “defesa das identidades nacionais” diante da “ameaça de invasão” da cultura islâmica é justificada pelo medo. Como consequência da globalização, a presença de islâmicos e/ou africanos em solo europeu é associada com palavras assustadoras, dotadas de forte carga simbólica negativa.

Em alguns casos, o discurso de defesa das sopas identitárias utiliza expressões que indicam certo nível de apologia da violência como um meio legítimo de defesa da identidade europeia supostamente ameaçada. A proibição das ações de distribuição das sopas é atribuída aos “donos do regime”. Estes, mais do que adversários, são considerados inimigos, que não merecem nenhum respeito. Um exemplo disso pode ser observado no texto “Liberdade para... comer e dar de comer”, publicado no *blog* Gladius:

Até onde chega o aviltamento ideológico da condição humana no Ocidente? De momento, já vai a tal nível de baixeza que até já se quer impedir os Europeus de alimentarem a sua própria gente mais desfavorecida - é que, por acaso, nem sequer há muita gente das ditas «minorias» étnicas a chegar ao ponto de miséria de ter de viver na rua, apesar de se choramingarem diariamente... na verdade, quase todos os sem-abrigo são de raiz europeia... Quer isto dizer que o regime pseudo-democrático vigente não admite sequer que qualquer grupo de Europeus pretenda auxiliar o seu próprio povo na sua própria terra. Quer isto dizer o que muitos de nós já sabíamos - que os donos do regime não merecem qualquer espécie de respeito humano. Não são adversários, são inimigos (Gladius 2006-a).

Em outro discurso, observado no espaço para comentários ao texto acima, a violência fica mais evidente, podendo-se intuir alguma conexão (mesmo que apenas ideológica) com grupos mais radicais, os chamados “neonazistas”, *skinheads* de extrema direita, ou simplesmente “nazis”:

Querer impedir um europeu de alimentar outro europeu em solo europeu, é o cúmulo do nojo e só pode ser, ou um acto de gentalha tão infinitamente degradada que não merece sequer um tratamento humano, ou então uma provocação para que algum «nazi» perca as estribeiras e comece aos tiros, para depois a ralé infra-humana da vossa laia ter «argumentos» para meter as organizações «nazis» todas na cadeia. É por isso que entre nós urge manter a calma para não vos dar aquilo que vocês querem. Além do mais, a vingança saboreia-se a frio. Um dia, hão-de pagar bem caro pela vossa pulhice (Gladius 2006-b).

Para além da retórica ultranacionalista - relativamente moderada no componente “violência” - da média dos textos identitários, orbitam diversos argumentos mais ou menos “fora da curva”, que apelam para a violência de maneira mais direta. Tais discursos estão associados a uma concepção binária de identidade - dividem a sociedade entre “nós e eles”, “aliados e inimigos” (Fangen 1998). Tais manifestações são carregadas com elementos explícitos de ódio e elaboram

ameaças genéricas (“a vingança saboreia-se a frio”; “um dia, hão-de pagar bem caro”), podendo representar um perigoso incentivo para ações violentas.

Considerações finais

A comida pode ser vista como uma narrativa de memória social porque ela carrega consigo uma história. Ela possui uma dimensão comunicativa e assim pode contar histórias e narrar as vivências de uma comunidade, suas visões de mundo, lembranças, valores, construindo e mantendo a memória social de um grupo e sua(s) identidade(s). Membros de um determinado grupo podem pertencer a gerações diferentes, mas vivenciam o pertencimento ao grupo através do fato de comerem a mesma comida, que carrega consigo uma variedade de significados (Amon e Menasche 2008).

A comida é definida cultural e historicamente, dependendo de pequenos detalhes, particularidades na preparação, na apresentação e no consumo. A comida depende da estética, da história e da cultura. Por isso tem papel importante na delimitação de identidades individuais e coletivas. Esse fenômeno é conhecido e tem sido bastante estudado em diversas áreas, como na sociologia, antropologia e história.

A sopa é considerada o prato mais universal. É também conhecido como o mais antigo. Os métodos de fazer sopa evoluíram de forma similar de uma cultura para outra. Eles começaram com o mais básico mingau feito de grãos e ervas e progrediram para incluir ervilhas ou feijões, massas, carne, peixe, especiarias e outros ingredientes. A qualidade da sopa melhorou em sincronia com o avanço das práticas agrícolas, melhoria na qualidade de vegetais e ervas, e na disponibilidade de recipientes duráveis. Sem dúvida, a sopa pode funcionar como um elemento definidor de identidade social e cultural. Todas as culturas desenvolveram alguma versão de uma sopa (Rumble 2009, 3).

Durante séculos, a sopa foi o centro da culinária mediterrânea. Cada país desenvolveu algum, (ou alguns), caldos particulares. Por exemplo, durante a Idade Média, o *goulash* húngaro, feito com carne e temperado com páprica e cebola, foi criado por pastores que precisavam de uma refeição simples que fornecesse a alimentação básica. No fim do século XVIII, começou a transformar-se de um mero alimento de pastores, em algo que acabaria definindo a identidade de uma nação (Rumble 2009, 36). Outro exemplo é a “sopa seca” portuguesa, semelhante às outras sopas secas encontradas em várias culturas, porém com características peculiares. Feita de pão de trigo, carne, repolho e hortelã, é considerada quase o prato nacional de Portugal (Rumble 2009, 82).

Todavia, a comida une e divide. Ela conecta aqueles que a compartilham, confirmando suas identidades como indivíduos e como parte de uma coletividade. Ao mesmo tempo, a comida exclui aqueles que não a compartilham, marcando-os como forasteiros. Os participantes de uma mesma cultura culinária se reconhecem pela maneira como comem, pelo que comem e pelo que suas dietas excluem. A noção de comunidade é construída sobre camadas de exclusão. As identidades comuns são criadas estigmatizando segmentos de populações com base em classe, raça e procedência (Parasecoli 2014). Sendo assim, ao analisar o caso da sopa identitária, é possível afirmar que de prato universal, acolhedor, que espanta o frio e renova as energias, a sopa foi transformada em instrumento de xenofobia. A comida como definidora de identidades, foi transformada em elemento de segregação. O porco foi adotado como arma cultural (Zúquete 2018, 183).

Os identitários alicerçam o seu discurso no mito de uma comunidade pura, homogênea e estável. Por consequência, as culturas de cada país europeu - que podem ser representadas por suas comidas “tradicionais” - estariam em perigo iminente de contaminação através da imigração. Sem dúvida, as tradições culinárias envolvem ingredientes, técnicas, receitas, objetos, práticas, comportamentos, normas e valores que são pontos de referência para a formação de um senso de comunidade e pertencimento (Parasecoli 2014). Contudo, as comunidades não são absolutamente estáveis, nem formadas por características essenciais eternas. Uma cultura idealizada dessa maneira existe mais no discurso ideológico do que na realidade prática. O mesmo vale para as tradições culinárias.

O próprio mitema identitário da sopa de porco é questionável. Seria ela realmente uma tradicional sopa francesa? Esse *status* de fato encontra correspondência histórico-cultural ou foi construído/amplificado no discurso? A questão não é trivial e seria necessária uma pesquisa específica para responder tais questões. Entretanto, certamente não é possível afirmar que a carne de porco seja um ingrediente extremamente comum nas sopas francesas. Por exemplo, fresca, a carne de porco não aparece em nenhuma das receitas compiladas por Adelaide Keen em seu clássico livro de receitas *With A Saucepan Over The Sea*. Em forma de presunto, aparece em apenas 16,7% das preparações. Se utilizassem o livro de Keen como referência, no capítulo sobre as tradicionais sopas francesas, os identitários teriam 83,3% de receitas sem porco (Keen 1910). Existem outras sopas que são consideradas a sopa “nacional” do país, como a sopa de cebola (Ichijo e Ranta 2016, 142) e a *Petite Marmite*, feita com carne de gado, galinha e legumes.

Portanto, é verdade que a inclusão ou exclusão de determinados ingredientes na tradição culinária de um país pode ajudar na criação de um senso de experiência compartilhada e funcionar como um dos elementos que definem o sentimento de pertencimento a uma comunidade

(Parasecoli 2014). Todavia, é fundamental ter a noção de que tal comunidade é uma construção em parte real, em parte imaginada. Além disso, toda identidade é construída historicamente de maneira dinâmica, recebendo contribuições de diversas culturas, em um processo que tende a enriquecê-la, e não destruí-la. É uma falácia pensar em identidades culturais “puras” e construídas de forma isolada. Imaginar a cultura como uma ilha, que deve ser “protegida”, é negar um processo histórico complexo e repleto de conexões.

Referências bibliográficas

- Almeida, Fábio Chang de. “A direita radical no Portugal democrático: os rumos após a Revolução dos Cravos (1974 - 2012)”. Tese de doutoramento, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- Almeida, Fábio Chang de. “A direita radical em Portugal: da Revolução dos Cravos à era da internet”. *Estudos Ibero-Americanos*, 41, n.1 (2015): 98-125. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2015.1.20463>.
- Amon, Denise, e Renata Menasche. “Comida como narrativa da memória social”. *Sociedade e Cultura*, 11, n.1 (2008): 13-21. <https://doi.org/10.5216/sec.v11i1.4467>.
- Bartlett, Jamie, Jonathan Birdwell, e Mark Littler. 2011. “The New Face of Digital Populism”. <https://www.opensocietyfoundations.org/publications/new-face-digital-populism>.
- Cahuzac, Yannick, e Stéphane François. “Les stratégies de communication de la mouvance identitaire: le cas du Bloc Identitaire”. *Questions de communication*, n. 23 (2013): 275-292. <https://doi.org/10.4000/questionsdecommunication.8455>.
- Caiani, Manuela, e Patricia Kröll. “The transnationalization of the extreme right and the use of the Internet”. *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*: 39, n.4 (2015): 331-351. <https://doi.org/10.1080/01924036.2014.973050>.
- Carter, Elisabeth. “Right-wing extremism/radicalism: reconstructing the concept”. *Journal of Political Ideologies*, 23, n.2 (2018): 157-182. <https://doi.org/10.1080/13569317.2018.1451227>.
- Courtine, Jean-Jacques. “O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político”. Em *Os múltiplos territórios da análise de discurso*, orgs. Maria Cristina L. Ferreira, e Freda Indurssky, 15-22. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- Fangen, Katrine. “Right-wing skinheads - Nostalgia and binary oppositions”. *Young – Nordic Journal of Youth Research*, 6, n. 9 (1998): 33-49. <https://doi.org/10.1177/110330889800600304>.
- FAO. 1997. “General Guidelines for the Use of the Term Halal”. http://www.fao.org/input/download/standards/352/CXG_024e.pdf.
- François, Stéphane. “Guillaume Faye and archeofuturism”. Em *Key thinkers of the radical right: behind the new threat to liberal democracy*, org. Mark Sedgwick, 91-101. New York: Oxford University Press, 2019. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190877583.003.0006>
- Gattinara, Pietro Castelli. “The study of the far right and its three E’s: why scholarship must go beyond Eurocentrism, Electoralism and Externalism”. *French Politics*, 18, n. 3 (2020): 314–333. <https://doi.org/10.1057/s41253-020-00124-8>.
-

- Griffin, Roger. "Fascism's new faces (and new facelessness) in the 'post-fascist' epoch". Em *A Fascist Century*, org. Matthew Feldman, 181-202. Londres: Palgrave Macmillan, 2008. https://doi.org/10.1057/9780230594135_8.
- Ichijo, Atsuko, e Ronald Ranta. *Food, national identity and nationalism: from everyday to global politics*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016. <https://doi.org/10.1057/9781137483133>
- Ignazi, Piero. *Extreme right parties in Western Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2003. <https://doi.org/10.1093/0198293259.001.0001>
- Keen, Adelaide. *With A Saucepan Over The Sea: quaint and delicious recipes from the kitchens of foreign countries*. Boston: Little, Brown and Company, 1910.
- Koc, Mustafa, e Jennifer Welsh. "Food, Foodways and Immigrant Experience". Paper apresentado na 16ª Biennial Conference of the Canadian Ethnic Studies Association, Halifax, Canadá, novembro de 2001.
- Marchi, Riccardo, e Raquel da Silva. "Political Violence from the Extreme Right in Contemporary Portugal". *Perspectives on Terrorism*, 13, n.6 (2019): 27-42.
- Minkenberg, Michael. "Between party and movement: conceptual and empirical considerations of the radical right's organizational boundaries and mobilization processes". *European Societies*, 21, n.4 (2019): 463-486. <https://doi.org/10.1080/14616696.2018.1494296>
- Minkenberg, Michael. "The radical right in Europe today: trends and patterns in East and West". Em *Is Europe on the "right" path? Right-wing extremism and right-wing populism in Europe*, orgs. Nora Langenbacher, e Britta Schellenberg, 37-55, Bonn: Bonner Universitäts-Buchdruckerei, 2011.
- Mudde, Cas. *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511492037>
- Orlandi, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.
- Parasecoli, Fabio. "Food, Identity, and Cultural Reproduction in Immigrant Communities". *Social Research: An International Quarterly*, 81, n.2 (2014): 415-439.
- Pinto, Céli Regina Jardim. "Elementos para uma análise de discurso político". *Barbaroi – Revista do Departamento de Ciências Humanas da Unisc*, n.24 (2006): 78-109.
- Regenstein, Joe M. "The Kosher and Halal Food Laws." *Comprehensive Reviews in Food Science and Food Safety*, 2, n.3 (2003): 111-127. <https://doi.org/10.1111/j.1541-4337.2003.tb00018.x>
- Rother, Edna Terezinha. "Revisão sistemática x revisão narrativa". *Acta Paul*, 20, n.2 (2007): v-vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Rumble, Victoria R. *Soup through the ages: a culinary history with period recipes*. Jefferson: McFarland & Company, 2009.
- Serbeto, Enrique. 2006. "La sopa de la discordia". https://www.abc.es/internacional/abci-sopa-discordia-200603050300-142614014546_noticia.html
- Toledo, Juliane Alvarez de, e Marisa Consenza Rodrigues. "Teoria da mente em adultos: uma revisão narrativa da literatura". *Bol. Acad. Paul. Psicol.* 37, n.92 (2017): 139-156.
- Zúquete, José Pedro. "Novos tempos, novos ventos? A extrema-direita europeia e o Islão". *Análise Social*. XLVI, 201 (2011): 653-677.
- Zúquete, José Pedro. *The identitarians: the movement against globalism and Islam in Europe*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018. <https://doi.org/10.2307/j.ctvpj775n>

Fontes primárias relacionadas à direita radical

- Batalha. 2005. “De Londres a Israel passando pelo Iraque”.
<http://batalhafinal.blogspot.com/2005/07/de-londres-israel-passando-pelo-iraque.html>.
- Batalha. 2006. “Uma questão de solidariedade europeia ou crônicas da colonização”.
<http://batalhafinal.blogspot.com/2006/01/uma-questo-de-solidariedade-europeia.html>.
- Cassen, Pierre. 2010. “Fabrice Robert, président du Bloc Identitaire: Etre populiste, c’est défendre son people”. <https://ripostelaique.com/Fabrice-Robert-president-du-Bloc.html>.
- Gladius. 2006-a. “Liberdade para... comer e dar de comer”.
<http://gladio.blogspot.com/2006/01/liberdade-para-comer-e-dar-de-comer.html>.
- Gladius. 2006-b. “Liberdade para... comer e dar de comer”. (Comentários).
<http://gladio.blogspot.com/2006/01/liberdade-para-comer-e-dar-de-comer.html>.
- Identitaires. 2016. “Bloc Identitaire becomes Les identitaires”. <https://www.les-identitaires.com/2016/08/09/bloc-identitaire-becomes-identitaires>.
- Lescure, Dominique. 2006. “Interview de Dominique Lescure (Soulidarietà)”.
<http://yanndarc.over-blog.com/article-2529233.html>
- Metapedia. 2016. “Sopa Identitária”. https://es.metapedia.org/wiki/Sopa_identitaria.
- Rede. 2016-a. “O corte radical”. <http://redeidentitaria.blogspot.com/2006/06/o-corte-radical.html>.
- Rede. 2016-b. “O que é a Globalização e porque a combatem os Identitários?”.
<http://redeidentitaria.blogspot.com/2006/05/o-que-globalizao-e-porque-combatem-os.html>.
- Rede. 2016-c. “O que é ser identitário?”. <http://redeidentitaria.blogspot.com/2006/04/o-que-ser-identitrio.html>.
- Rede. 2016-d. “Os sete pecados mortais da Iminvasão”.
<http://redeidentitaria.blogspot.com/2006/05/os-sete-pecados-mortais-da-iminvaso.html>.
- Rede. 2016-e. “Porque combato”. <http://redeidentitaria.blogspot.com/2006/06/porque-combato.html>

Recebido: 12 de março de 2021
Aprovado: 08 de julho de 2021